



FAJS - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais

SAMIRES NASSER

**UMA ANÁLISE PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:
PODER, CULTURA E CINEMA**

**Brasília
2009**

SAMIRES NASSER

**UMA ANÁLISE PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:
PODER, CULTURA E CINEMA**

**Monografia apresentada como requisito para a
conclusão do curso de bacharelado em Relações
Internacionais do Centro Universitário de Brasília.
Orientadora: Prof^ª. Raquel Boing Marinucci**

BRASÍLIA

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, especialmente minha mãe, que sempre me apoiou e me ajudou
no caminho para chegar até aqui.

Aos amigos e pessoas presentes neste momento importante.

E imensamente a minha Orientadora Raquel Boing Marinucci, que acreditou nas
minhas idéias e teve paciência e compreensão diante das minhas limitações, mostrando
sempre sua dedicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. BASE TEÓRICA E CONCEITUAÇÃO: A MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA.10	
1.1. A Questão da língua - primeiras considerações.....	10
1.2. A língua como instrumento de poder.....	12
1.3. O poder das idéias.....	14
1.4. Cultura – conceito.....	15
1.5. Globalização e Cultura.....	16
1.6. A Visão Gramsciana.....	18
1.7.Estados Unidos: agente cultural internacional.....	19
1.8. Algumas considerações tendo como base a teoria da interdependência complexa.....	22
2. HISTÓRIA E CONTEXTUALIZAÇÃO: SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA.....	26
2.1. A Formação do Estado moderno e a mídia.....	26
2.2. Império e Comunicação.....	28
2.3. As Nações e o Nacionalismo.....	29
2.4. O desencaixe e as fichas simbólicas.....	31
2.5.Uma retrospectiva histórica da informação.....	35
3. ESTUDO DE CASO: OS FILMES E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	39
3.1. O cinema hollywoodiano e a indústria cultural norte- americana ..	40
3.2. “A Conquista da Honra” e “Cartas de Iwo Jima”.....	43
3.3. Dois olhares, mesma história.....	43
3.4. A metalinguagem por trás das câmeras.....	48
3.5. Realidade norte-americana atual.....	51

CONCLUSÃO.....	54
REFRERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXO.....	58

RESUMO

Este trabalho mostra como fatores, entre os quais, cultura, mídia, língua e idéias influenciam a organização internacional das sociedades ocidentais na atualidade. A partir de conceitos que mostram a interdependência entre Nações, o nacionalismo e a importância da informação, a pesquisa analisa como funcionam as relações de poder a partir do estudo dos fatores apresentados. A contribuição dessa pesquisa consiste em tentar construir um novo cenário de análise para as Relações Internacionais. Dessa forma, através da análise de filmes aqui adotada, buscar-se-á concluir se as relações internacionais contam com esses fatores de forma consistente para melhor avaliar a organização internacional das sociedades ocidentais.

Palavras-chave: cultura, globalização, poder, mídia, informação, língua.

ABSTRACT

This paper points out how factors such as culture, media, language and ideas influence the organization of today's Western societies. The research analyzes the relations of power considering the factors aforementioned as well as concepts that demonstrate the interdependence of nations, nationalism and the importance of information. The research can contribute to the development of a new scenario analysis for International Relations. Therefore, the analysis of the movies made it possible to conclude that those factors are part of the international relations to better assess the organization of Western societies.

Key-words: culture, globalization, power, media, information, language.

INTRODUÇÃO

O Estado é analisado por grande parte das correntes teóricas do campo de estudo das Relações Internacionais de maneira que a força e o poder militar são os principais fatores a serem estudados na busca da compreensão da organização internacional. As transformações ocorridas durante o século XX apontaram para uma nova configuração das relações internacionais, onde a cultura, a mídia, a língua e as idéias se tornam essenciais para o entendimento das interações entre os Estados, que se utilizam de tais mecanismos na disputa pela legitimidade no plano interno e nas relações internacionais. A percepção dessas transformações leva a um novo enfoque que passa pelo estudo da dimensão simbólica das Relações Internacionais.

Nesse contexto, o objetivo da monografia é apresentar uma análise a partir do desenvolvimento dos conceitos e fatores tidos como parte dessa dimensão ideológica da busca pela influência que os Estados dispõem. As relações entre os Estados podem ser vistas e analisadas muito além do simples debate realista, paradigma que durante muito tempo dominou o campo da disciplina. Pensando em se apresentar considerações para uma análise construtiva desses fatores o presente estudo se divide em três capítulos.

O primeiro capítulo abordará os conceitos principais que motivaram a organização deste trabalho. Começa-se com algumas considerações a respeito da língua, descrevendo como esta pode ser considerada um fator determinante para a soberania. O poder das idéias será o próximo assunto a ser discutido, analisando como as fronteiras diminuem e as opiniões políticas são influenciadas por idéias. Em seguida, conceitua-se o termo cultura, mostrando como ela é fator de grande peso para as sociedades ocidentais. A cultura será um fator de extrema importância no decorrer deste trabalho, pois será considerada essencial na análise dos fenômenos estudados. A mundialização da cultura e o papel dos Estados Unidos frente a essa dimensão de análise também serão abordados, o que mostrará as relações de interdependência entre as nações.

O segundo capítulo apresentará a formação do Estado Moderno como um marco de direcionamento para o estudo das Relações Internacionais. O surgimento da mídia e as transformações culturais, sociais, políticas e intelectuais que ela provoca serão discutidos frente ao *desencaixe* das sociedades ocidentais e os simbolismos adquiridos durante suas

histórias sociais. A partir daí, trabalhar-se-á com a história da informação, pincelando alguns fatos importantes para seu desenvolvimento.

Já no terceiro capítulo será realizado um estudo de caso, que apresentará dois filmes sobre a II Guerra Mundial e fará uma análise adotando-se três perspectivas diferentes que buscam aplicar e exemplificar os conceitos desenvolvidos ao longo do trabalho.

A metodologia utilizada neste trabalho fundou-se em pesquisa bibliográfica, além da análise dos dois filmes que aqui serão apresentados. Desta forma, busca-se apresentar uma pesquisa que provoque melhor entendimento e reflexão frente ao exposto.

1. BASE TEÓRICA E CONCEITUAÇÃO: A MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA

O presente capítulo pretende fazer uma análise de como as transformações e influências culturais aparecem na organização internacional atual de forma a refletir e até mesmo modificar o cenário político de uma nação. A partir de conceitos de como a cultura e poder interferem nas relações internacionais de um país, e de uma análise histórica do processo da internacionalização da informação com início na Modernidade, onde a imprensa modificou as estruturas políticas e sociais da época, busca-se apresentar como esses fatores podem atingir algumas estruturas das sociedades. As idéias são consideradas fonte de poder que tendem a transformar o cenário político, dependendo de como são transmitidas e interpretadas.

No campo de estudo das Relações Internacionais novas correntes teóricas estão paulatinamente fazendo-se presentes, mudando a tendência de alguns acadêmicos e estudiosos da área de a manterem hermeticamente fechada, rejeitando questionamentos acerca dos postulados epistemológicos e ontológicos fundamentais de Relações Internacionais.¹ Em sua maioria, as teorias estudam o conceito de Estado voltando-se para uma análise que enfatiza a força como instrumento de poder legítimo. Este trabalho busca mostrar que a força e o poder militar, principais objetos de estudo do Realismo, não são únicos fatores relevantes na organização mundial. O Estado usa e dispõe de outros mecanismos para atingir os mesmos fins estabelecidos. Com as constantes transformações e um aumento da organização da sociedade civil, é pertinente que se busque uma visão que leve em conta elementos como língua, cultura e a dimensão da obediência espontânea ao poder.

1.1 A questão da língua - primeiras considerações

Um dos fatores que deve ser trabalhado para se entender os processos da organização internacional a que se propõe o presente estudo é a língua. Vista como um importante instrumento que o Estado detém para se estabelecer como organização

¹ COX, Robert W. *Rumo a uma conceituação pós-hegemônica da ordem mundial: reflexões sobre a relevância de Ibn kaldun*, in Rosenau, James N. & Czempiel, Ernst-Otto (Orgs). **Governança sem Governo: ordem e transformação na política mundial**. Brasília: Ed. Unb, 2000.

territorial e simbólica, a língua apresenta particularidades que devem ser consideradas, já que o desenvolvimento das relações mundiais depende, em parte, do entendimento entre as diferentes Nações.

Em *Nações e Nacionalismo*, Hobsbawm² fala sobre a questão da formação da identidade nacional e sobre o processo da também formação do nacionalismo dos países. Na obra, ele apresenta a língua como uma das características que influenciam nessa formação, embora não seja um fator primário para a análise das transformações na sociedade moderna.

A língua vista como instrumento de poder pode ser considerada barreira para uso discriminatório por parte das classes dominantes, de grupos étnicos, de oprimidos e das nações. Da mesma maneira, a língua inglesa pode, hoje, ser considerada com um poder igual ao de qualquer sistema tecnológico para transmitir idéias diante de uma cultura que se mostra adaptada em diversos lugares.

Diversas vezes Hobsbawm busca na língua uma explicação que ilustre de forma satisfatória como povos se identificavam e muitas vezes formavam uma nação, ou da mesma maneira, por divergirem apesar de pertencerem a uma mesma nação sentiam-se como uma nação à parte, fruto da formação de uma identidade.

Eric Hobsbawm³ é um historiador britânico reconhecido internacionalmente por seus trabalhos com ênfase na análise das questões que interferem na democracia, como as guerras, a violência urbana, o imperialismo e a ação das organizações transnacionais. Sempre de forma incisiva Hobsbawm dedica-se à interpretação do século XIX e século XX. Em suas obras é utilizado o conceito de luta de classes para explicar as relações no sistema mundial. Desta maneira percebe-se que suas obras utilizadas neste estudo vão colocar o conceito de Estado-Nação e Nacionalismo como um dos fatores fundamentais para se entender o desenvolvimento do processo de globalização e as transformações que esta pode causar dentro de uma sociedade, tendo conseqüências positivas e negativas.

Renato Ortiz, conceituado sociólogo e antropólogo brasileiro, e um dos autores utilizados neste trabalho, apresenta suas obras voltadas para os Estudos Culturais, e busca explicar as diferenças, igualdades e desenvolvimento culturais dentro das sociedades.

² HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

³ Pensador marxista, um de seus interesses é o desenvolvimento das tradições, onde, em “A Invenção das Tradições” é desenvolvido o estudo da construção destas no contexto do Estado- Nação.

Autor mais contemporâneo, Ortiz tem em sua trajetória intelectual estudos sobre a cultura afro-brasileira, a cultura popular, a indústria cultural, uma cultura internacional-popular, a modernidade e a mundialização.

Para Ortiz, a difusão do inglês como língua mundial não é fortuito nem inocente. São várias as causas que determinam sua posição hegemônica no mundo atual: a existência da Inglaterra como potência colonizadora, o papel econômico dos Estados Unidos no século XX, a presença das corporações multinacionais, as transformações tecnológicas (inovação do computador e da linguagem informatizada), e, finalmente, o peso da indústria cultural marcada por sua origem norte-americana. Seria inconseqüente imaginar que a imposição de uma língua se faz à revelia das relações de força. Como no passado, o árabe no mundo Islâmico, o latim no Império Romano, o poder cumpre um papel central na sua difusão⁴. Entretanto, disso não decorre necessariamente uma uniformidade lingüística. Para existir enquanto língua mundial o inglês deve se nativizar, adaptar-se aos padrões das culturas específicas.

1.2 A língua como instrumento de poder

Um dos pressupostos apresentados neste trabalho diz respeito ao uso e ao reconhecimento da língua como instrumento de poder para uma nação. Dessa maneira outros fatores devem ser envolvidos na análise, como o desenvolvimento social da população, o desenvolvimento tecnológico, a história política e a evolução dos meios de comunicação, alguns exemplos de fatores que influenciam no uso da língua como instrumento de poder. Além disso, as condições sociais de aceitação do discurso são essenciais para o ato de comunicação. O sujeito falante, além de enunciar uma sentença, o faz envolvido em determinadas situações nas quais seu discurso possui valor desigual.⁵ Portanto, a língua não é somente um instrumento de comunicação, mas também um instrumento de poder.

Ortiz vai ainda mais longe e explica:

⁴ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p.28

⁵ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p.9

“O caso da língua oficial é significativo. No processo de construção nacional, o papel do Estado é fundamental na unificação do mercado lingüístico. A unidade política se faz por intermédio da codificação e da submissão, dos dialetos e das outras línguas que porventura habitem um mesmo território. O Estado, por meio de atitudes repressivas (censura), ou de instituições totalizantes, a escola e a administração pública, define a norma em relação à qual as variações idiomáticas devem se ajustar. Da mesma maneira que a nação se respalda na construção de um mercado amplo de bens materiais, ela pressupõe uma unicidade lingüística que lhe confere legitimidade. A língua oficial adquire portanto, um valor simbólico e se impõe como hegemônica diante da pluralidade das falas.”⁶

O Estado, valendo-se de suas normas regulamentares, apresenta mecanismos que são suporte para sua legitimidade. A língua unificada pode ser elemento que facilite a unificação do país, ajudando-o no reconhecimento da soberania por outras nações. As unificações tardias de Alemanha e Itália, já ao final do século XIX, demonstraram a importância da padronização de dialetos regionais como línguas oficiais.

Ainda assim, pode-se observar que em algumas regiões e sociedades acontece a diglossia, que nada mais é do que um conjunto de fenômenos que ocorre em sociedades nas quais coexistem duas línguas distintas. Nessas sociedades, as diferentes línguas ou dialetos podem ser usados de acordo com as interações sociais entre os indivíduos e podem variar de acordo com as relações sociais estabelecidas entre eles.

Dessa maneira, demonstra-se mais uma vez a influência do inglês nas diferentes sociedades atuais, pois a língua inglesa pode ser considerada uma diglossia em escala mundial. Pierre Bourdieu apresenta um extenso estudo sobre questões lingüísticas e seus significados. O sociólogo francês desenvolve em seus trabalhos uma sofisticada teoria dos campos de produção simbólica, seguramente contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento do tema.

Segundo Bourdieu, a emergência de uma diglossia mundial só é possível devido à ampliação do mercado lingüístico. O inglês penetra mais facilmente onde existe a variedade de línguas em conflito. Para as minorias, ele diminui a pressão da língua

⁶ ORTIZ, Renato. *Op Cit.* p.99

oficial, conferindo ainda ao falante, uma legitimidade simbólica tecida internacionalmente.⁷

Desde já, cabe ressaltar que para os fins dessa monografia, a análise do autor se restringirá apenas ao conceito supracitado. Com temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política sua obra merece uma análise mais detalhada num futuro estudo que possa abranger as questões e fatores que Bourdieu trabalha de maneira profunda. Este trabalho tem como foco desenvolver visões teóricas do campo de estudo das Relações Internacionais que apresentam uma leitura sobre os símbolos e significados que podem ser discutidos em uma análise que considera os sistemas de valores culturais e políticos e sua aceitação na sociedade.

1.3 O poder das idéias

Pensando-se nos sistemas de valores culturais e nos símbolos e significados aceitos pela sociedade Ocidental, as idéias são importantes para um Estado, pois desempenham numerosas funções na vida pessoal, vida social e cultural de uma sociedade, sendo fundamental reconhecer sua ação. Entendidas de modo estritamente formal, “idéias” é termo que designa o conjunto de convicções, crenças, opiniões, interesses, motivos, que adotado pelo agente racional humano, individual ou coletivamente, determina seu agir.⁸

A partir do conceito de idéias aqui adotado, é possível dizer que as idéias podem influenciar a política de uma nação, uma vez que elas formam crenças e opiniões que orientam a população quanto aos objetivos de ação de uma sociedade ou até mesmo de um determinado grupo.

Os processos políticos e econômicos do século XX, especialmente nos anos 90 trouxeram uma aceleração notável da interação estatal e social no mundo contemporâneo, de uma forte rivalidade entre a assim chamada sociedade civil e o Estado. A redistribuição dos papéis e dos movimentos sociais - abstraindo-se de qualquer julgamento político, ideológico ou moral - pressiona fortemente o mundo político, da

⁷ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

⁸ MARTINS, Estevão C. de Rezende. **Relações Internacionais: Cultura e Poder**. Brasília: IBRI/Funag, 2002.

economia e das relações internacionais no sentido de levarem em conta o peso crescente das idéias usuais nas sociedades.⁹

Os Estados apresentam sua própria maneira de pensar politicamente. As culturas apresentam características que podem ser muito distintas e ao mesmo tempo muito próximas. Portanto, a intercessão de comportamentos e pensamentos político-sociais, que transformam e influenciam os cenários políticos e sociais das sociedades ocidentais, são comuns na organização de um Estado. As transformações dentro de uma sociedade são condicionadas pela influência social, cultural e ideológica.

1.4. Cultura – conceito

A idéia de cultura como se conhece hoje foi desenvolvida a partir de muitos estudos e teorias que levavam em consideração aspectos relacionados com a organização de uma sociedade e suas transformações.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais podem ser consideradas produtos de uma herança cultural.¹⁰

Entretanto, é impossível que uma cultura fique estática, pois os homens têm capacidade de questionar seus hábitos e modificá-los. Assim, pode-se dizer que existem dois tipos de mudança cultural, a interna e a externa. A mudança externa é mais atuante na maior parte das sociedades humanas. Laraia confirma dizendo:

“É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto somente seria possível no caso, quase absurdo, de um povo totalmente isolado dos demais. Por isto, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos.”¹¹

⁹ MARTINS, Estevão C. de Rezende. **Relações Internacionais: Cultura e Poder**. p.24

¹⁰ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 68.

¹¹ LARAIA, Roque de Barros. *Op. Cit.* p. 96.

A cultura é estudada como um fenômeno que interliga povos de diferentes partes do mundo, pois com a disseminação de idéias, as fronteiras culturais acabam se tornando menores diante das expectativas e do desenvolvimento e articulação das diferentes Nações, o que é notado principalmente nas relações econômicas.

1.5 Globalização e Cultura

A questão da mundialização cultural se mostra um interessante ponto de discussão. A globalização trouxe o questionamento do espaço concreto territorializado, já que as distâncias não são mais vistas como fator de isolamento ou impedimento para os fluxos de mercadorias, informação, capital e pessoas. Percebe-se que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades.

Certamente não existe uma definição amplamente aceita para o termo, ainda mais considerando que uma boa definição deveria satisfazer as mais diversas áreas das ciências sociais e, no entanto, a definição mais usada tende a favorecer a visão econômica do processo. É certo que a economia está no cerne do processo de globalização, entretanto, ela é mais um aspecto dentro do amplo processo internacional chamado globalização, que atinge outras áreas, como meio ambiente, política, cultura, relações sociais, etc.¹²

Assim, como acontece com muitos conceitos nucleares das ciências sociais que podem ter esta multiplicidade de definições, a globalização pode aqui ser concebida como interdependência acelerada (entendida como a intensificação do entrelaçamento entre economias e sociedades nacionais, de tal modo que os acontecimentos de um país têm um impacto direto nos outros).¹³

Da mesma maneira, a análise globalista (uma das correntes teóricas que também buscam explicar o fenômeno da globalização) parte da concepção de um conjunto de processos inter-relacionados que operam por meio de todos os campos primários de poder social, inclusive o militar, o político e o cultural. Não existe, porém, um pressuposto apriorístico de que o padrão histórico ou espacial de globalização, em cada um desses campos, seja idêntico ou, sequer, comparável. Nesse aspecto, não se presume que os

¹² SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 317

¹³ HELD, David & MCGREW, Anthony. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001. p. 11.

padrões da globalização cultural, por exemplo, reproduzam, necessariamente, os padrões da globalização econômica.¹⁴

Assim, a globalização denota muito mais do que a ampliação de relações e atividades sociais atravessando regiões e fronteiras, ela sugere uma magnitude ou intensidade crescentes de fluxos globais, de tal monta que Estados e sociedades ficam cada vez mais enredados em sistemas mundiais e redes de interação.¹⁵

Como as culturas entram em contato entre si por meio dos homens, a base referencial deve ser um agrupamento, uma coletividade que se desloca espacialmente. O choque ou assimilação cultural se faz no seio de um território, a nação, a cidade, o bairro.¹⁶

A mundialização da cultura revela-se por meio de alguns comportamentos que são similares em lugares distintos. Entretanto, uma cultura globalizada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela coabita e se alimenta delas.

Para Ortiz,

“Cada “povo” é uma entidade, um mundo diverso dos outros. Decifreadores de uma linguagem oculta, os antropólogos se vêem como estudiosos das diferenças. A categoria cultura lhes permite dar conta desta pluralidade dos modos de vida e de pensamento. Evidentemente uma análise que se abre para o entendimento da mundialização da cultura se choca com boa parte da tradição intelectual existente. O que se propõe estudar é justamente um conjunto de valores, estilos, formas de pensar, que se estende a uma diversidade de grupos sociais vistos até então como senhores de seus próprios destinos.”¹⁷

Ortiz confirma e diz que refletir sobre mundialização da cultura é de alguma maneira se contrapor, mesmo que não seja de forma absoluta, à idéia de cultura nacional. Diante desse desafio, tem-se a tendência de negar o processo que se está vivendo, se refugiando nas certezas e convicções contidas nas análises clássicas das Ciências Sociais.¹⁸

¹⁴ HELD, David & MCGREW, Anthony. *Op. Cit.* p. 18 - 19.

¹⁵ HELD, David & MCGREW, Anthony. *Op. Cit.* p.12.

¹⁶ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 75.

¹⁷ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* 21.

¹⁸ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 116.

A reflexão sobre mundialização da cultura faz observar como são extensas as relações desenvolvidas nas sociedades. A globalização é um processo que intensifica essas relações de maneira que não há um consenso sobre suas conseqüências, pois não há como estabelecer um padrão fixo ou predeterminado de desenvolvimento histórico. Portanto, ela gera, simultaneamente, cooperação e conflito, integração e fragmentação, exclusão e inclusão, convergência e divergência, ordem e desordem.¹⁹

1.6 A visão Gramsciana

Até agora foram trabalhados conceitos que explicam a organização do cenário internacional focando-se nas relações sociais e culturais entre as sociedades ocidentais. A eles se soma o conceito de *sociedade civil*, como concebido por Gramsci, devido ao seu papel explicativo quanto à organização interna das sociedades bem como sua aplicação a partir da cultura como nova perspectiva da ordem mundial.

Como mostra Coutinho, o conceito de sociedade civil em Gramsci diz que este não pertence ao momento da estrutura, mas ao da superestrutura, sendo o conceito portador material da figura social da hegemonia, como esfera da mediação entre a infraestrutura econômica e o Estado em sentido restrito.²⁰

Gramsci não inverte nem nega as descobertas essenciais de Marx, mas apenas as enriquece, amplia e concretiza, no quadro de uma aceitação plena do método do materialismo histórico. Numa época e num âmbito geográfico nos quais já se generalizou uma maior complexidade do fenômeno estatal, a produção e reprodução das relações sociais globais é fator ontologicamente primário na explicação da história.

Com a intensificação dos processos de socialização da participação política que tomam corpo nos países ocidentais, sobretudo a partir do último terço do século XIX, surge uma esfera social nova, dotada de leis e funções relativamente autônomas e específicas, tanto em face do mundo econômico quanto dos aparelhos repressivos do Estado.²¹

¹⁹ HELD, David & MCGREW, Anthony. *Op. Cit.* p. 21.

²⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político.** Rio de Janeiro: Campus, 1992 p. 73.

²¹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político.** Rio de Janeiro.

O estado em sentido amplo comporta duas esferas principais: a *sociedade política* (que Gramsci também chama de “Estado em sentido estrito” ou de “Estado-coerção”), que é formada pelo conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle das autocracias executiva e policial-militar; e a *sociedade civil*, formada precisamente pelo conjunto das organizações responsável pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de comunicação de massa), etc. Em Gramsci não há hegemonia, ou direção política e ideológica, sem o conjunto de organizações materiais que compõem a sociedade civil enquanto esfera do ser social.²²

Levando-se em consideração o pensamento gramsciano e buscando uma melhor compreensão de seus conceitos, os Estados Unidos servirão de exemplo para o desenvolvimento do presente estudo.

1.7 Estados Unidos: agente cultural internacional.

A organização econômica norte-americana é baseada num mercado de consumo extremamente dinâmico. Esta característica é observada a partir da visão dos Estados Unidos de se considerarem exemplo para as outras Nações. Segundo Ortiz, “os Estados Unidos se imaginam como paradigma a ser seguido por todos. Com o desenvolvimento econômico e o advento do Estado de bem-estar, esta ideologia se reforça.”²³ Assim, a fabricação industrial da cultura (filmes, séries de televisão etc) e a existência de um mercado mundial exigem uma padronização dos produtos que visa atingir o maior número de consumidores possível. O resultado dessa estratégia seria o reforço da dependência política e cultural de outros países em relação aos Estados Unidos e, como conseqüência, o enfraquecimento das culturas nacionais. Assim a cultura, por apresentar características que remetem à influência de uma nação, buscando interferir e definir

Campus, 1992 p. 75.

²² COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus, 1992 p. 76-77.

²³ ORTIZ, Renato. Op. Cit. p. 88.

comportamentos, é tida como um *aparelho privado de hegemonia* pela lógica gramsciana.

A indústria norte-americana de comunicação e o complexo militar estão articulados, com ampla possibilidade de financiamento oferecida pelo exército de um país altamente industrializado. Alguns produtos comerciais contam com especial atenção das agências estatais norte-americanas. Durante a Segunda Guerra Mundial, a distribuição da Coca-Cola contou com o auxílio das forças armadas. O exército instalou plantas de engarrafamento em vários pontos pelo mundo. O pentágono providenciou, ainda, maquinário e pessoal especializado; com o término do conflito, a companhia incorporou, sem despesas, as produções locais.²⁴

Ortiz apresenta estudos que foram realizados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que não deixam dúvidas quanto à hegemonia norte-americana no campo da indústria cultural. Os Estados Unidos dominavam a produção e a distribuição mundial de dramaturgia, de televisão, de filmes e de publicidade.²⁵ Esses relatórios foram publicados na década de 70, com o intuito de fazer um levantamento quantitativo global dos fluxos transnacionais da mídia e suas relações com a indústria cultural. As estatísticas comparativas confirmavam o predomínio norte-americano.²⁶

Já em 1959 o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas havia solicitado à Unesco a preparação de um programa de ação no sentido de promover “o desenvolvimento de informação na mídia em todo o mundo”. Porém pouco se fez até a década de 70, quando, por causa das mudanças econômicas, diversos países colocaram em sua agenda internacional as disparidades, não somente de riqueza e renda, mas também de informação.²⁷ A reação por parte de países em desenvolvimento levou a informação para o centro do debate internacional. A Unesco, por sua trajetória, detinha grande parte do debate. Esses elementos são importantes quando analisados tanto pelo ponto de vista econômico quanto pela visão simbólica a que o presente estudo se propõe,

²⁴ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 90.

²⁵ *Ibidem*, p. 90.

²⁶ Segundo Ortiz (op. Cit. p. 90), ver *Repports and papers on mass communication* publicados pela Unesco. Em particular, T. Guback, T. Varis, “Transnational communication and cultural industries”, n 92, 1982.

²⁷ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p.259.

pois exemplificam como as sociedades encaravam as transformações que a mídia provocava de forma que a indústria cultural era responsável pela conduta das relações entre esses países.

Com isso, Ortiz mostra, ainda, que a indústria cultural está diretamente ligada à busca pelo poder e influência, pois a sociedade civil, principal objetivo a ser alcançado vai influenciar na organização da indústria norte-americana de comunicação, com reflexos que chegam até o complexo militar norte-americano. A indústria cultural do país, por sua extensão, é responsável pela histórica ascensão dos Estados Unidos.

Economia, política e cultura são vistos como campos do exercício de poder. Para Ortiz,

“(...) poder imperial, ao arbitrar a paz mundial em função do interesse exclusivo do Estado e da sociedade americana; poder econômico, materializando-se nos trustes e nas multinacionais. Dallas, Disneyland, McDonald’s, calça jeans, rock-and-roll, etc, seriam expressões de uma cultura de exportação. Ao importar o Cadillac, os chicletes, a coca-cola e o cinema não importamos apenas objetos ou mercadorias, mas também todo um complexo de valores e de condutas que se acham implicados nesses produtos. Não há dúvidas que este tipo de postura tem conseqüências importantes no plano político. Sem ele, o desejo de dominação imperial de alguns países não encontraria maiores obstáculos para se concretizar.”²⁸

O imperialismo cultural²⁹ vem, portanto, marcado pela sua origem (inglês, norte-americano, francês ou japonês). Cada foco de difusão procura propagar suas idéias e seus modos de vida aos que se encontram sob seu jugo.

A indústria cultural é capaz de influenciar a percepção e postura das sociedades ocidentais frente a política internacional, uma vez que essa indústria é responsável pela divulgação de notícias, acontecimentos e fatos. O Estado dispõe de aparatos que revelam como as ideologias são passadas para a população, buscando aceitação e influência.

Ortiz exemplifica como funciona esta estratégia e o que ela busca,

²⁸ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 89.

²⁹ Segundo explica Ortiz em *Mundialização e Cultura* (p. 88), “a bibliografia sobre imperialismo cultural é imensa. Ela abarca tanto as correntes marxistas como nacionalistas”. Para uma visão panorâmica sobre o assunto ele indica: A. Matterlart, S. Siegelau (orgs.), *Communication and class struggle*, N. York,

(...) Isto fica claro em um filme como “Todos os dias de sua vida”, um conjunto de cenas rodadas em mais de doze países e em todos os continentes. O conjunto do filme é uma mostra de clipes da Coca-Cola, relacionando sua atividade gloriosa em todos os lugares. Alguns dos clipes encontram-se tematicamente ligados... outras vezes, são apresentadas algumas vinhetas... O filme é a grande expressão da ideologia internacionalista da Coca-Cola; a noção de que seu consumo universal unifica numa irmandade a diversidade do mundo.³⁰

O capítulo 3 desse trabalho abordará de forma mais completa as questões relativas aos significados e símbolos que ultrapassam a intenção inicial do simples ato promocional. O cinema tem um papel fundamental para o intercâmbio cultural e ideológico entre as nações, com dimensões e alcance mundiais. Dessa maneira uma abordagem sobre o cinema será feita no capítulo 3 de forma a aplicar os conceitos discutidos.

1.8 Algumas considerações baseadas na teoria da interdependência complexa.

Até agora tratou-se de fatores que mostram como viver numa sociedade heterogênea que apresenta uma dinâmica de organização plural. A cultura, o poder e a globalização são fatores que muitos estudiosos estão levando em consideração para avaliar e analisar as relações organizacionais existentes no mundo atual. No campo de estudo das relações internacionais, são vários os autores que buscam explicar e desmistificar essas transformações e suas influências nas sociedades.

Robert Keohane e Joseph Nye na terceira edição de *Power and Interdependence*³¹ buscam atualizar a teoria da interdependência complexa no contexto das relações internacionais, levando em conta, entre outros fatores e acontecimentos, o processo da globalização.

Segundo Sarfati,

International General, 1979.

³⁰ Ortiz, Renato. Op. Cit. p. 140.

³¹ Em “*Teorias de Relações Internacionais*” Gilberto Sarfati explica que a estrutura fundamental do livro é explicitada na primeira edição de 1977. Posteriormente, ela foi atualizada numa segunda edição em 1989. Basicamente, esta última adicionava um afterword - uma reflexão sobre a condição da interdependência complexa após mais de uma década da edição anterior.

“(...) eles começam esclarecendo o significado da palavra globalização a partir da compreensão do termo globalismo, que é definido como o estado do mundo envolvendo as redes (networks) de interdependência a distâncias multicontinentais, ligadas por fluxos e influências de capital e bens, informações e idéias, pessoas e forças, bem como por substâncias relevantes do meio ambiente e da biologia... Por outro lado, a interdependência corresponde a situação caracterizada por efeitos recíprocos entre os países ou atores em diferentes países. Como consequência, vemos que o globalismo é um tipo de interdependência com as características especiais de múltiplas conexões e redes que podem ser consideradas globais.”³²

Keohane e Nye reconhecem que durante a história houve outros períodos de globalização, entretanto, o globalismo contemporâneo, definido em sua obra, se diferencia por um aumento na densidade de redes atuais e pelo aumento na velocidade institucional, características fundamentais para a compreensão dos efeitos sistêmicos. A interdependência econômica afeta a interdependência social e ambiental e o reconhecimento dessas conexões, por sua vez, afeta a economia, ou seja, tudo está conectado. As diferentes relações de interdependência se interceptam mais profundamente e em mais pontos. Assim, os efeitos em uma área geográfica, em uma dimensão, podem levar a efeitos profundos em outras áreas geográficas e em outras dimensões.³³

Keohane apresenta a teoria da interdependência complexa como alternativa ao realismo, onde o argumento básico usado é que, num mundo de interdependência, o paradigma realista é de uso limitado para ajudar a compreender a dinâmica dos regimes internacionais, isto é, as regras do jogo que governam as tomadas de decisões e as operações em relações internacionais.³⁴

Na teoria da interdependência complexa, Keohane e Nye constroem seu modelo de organização baseando-se em três hipóteses centrais: 1. Participam agentes que não são

³² SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.

³³ SARFATI, Gilberto. *Op. Cit.* p. 169.

³⁴ GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes Estrategistas das relações internacionais**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 270.

os Estados; 2. Não existe uma hierarquia clara de assuntos; 3. O uso da força não é efetivo. Desta maneira, onde não há uma agenda hierárquica, o poder pode ser obtido de variadas maneiras. Os objetivos dos atores devem variar, assim como a distribuição de poder nos assuntos de interesse desses atores. Isso não quer dizer que os Estados não possam buscar transferir poder entre suas diversas áreas de interesse, mas apenas que o jogo de barganha envolva uma complexa análise da teia de interesses e do poder dos Estados nas suas diversas áreas de atuação. Desse modo, é de se supor que a construção da agenda internacional de cooperação seria importante fonte de poder. A interdependência significaria um aumento de integração no mundo.³⁵

Os autores falam que as relações entre os Estados são baseadas em vulnerabilidades e sensibilidades, onde a sensibilidade diz respeito ao grau de resposta a uma política e quais mudanças e custos que ela provoca enquanto a vulnerabilidade diz respeito à disponibilidade e ao custo das alternativas, diante da situação de interdependência. Vulnerabilidade é questão primordial nas discussões sobre interdependência complexa. Um país define seu grau de vulnerabilidade de acordo com sua habilidade de adaptação. Sob tais condições, os resultados serão determinados pela distribuição de recursos e as vulnerabilidades dentro de determinadas áreas.³⁶

Keohane exemplifica: *“When Sweden criticized American policy in Vietnam, its vulnerability to a possible American suspension of cultural contacts would have depended on how it could adjust policy to the new situation.”*³⁷

Portanto, com esta teoria Keohane e Nye colocam em foco outros fatores relevantes para a análise da conjuntura internacional, onde as comunicações transnacionais reforçam os efeitos que as políticas de economia internacional podem provocar e alcançar com o processo da globalização, uma vez que as agendas políticas internacionais, por exemplo, se tornaram maiores e mais diversas.³⁸

Fazendo-se um paralelo com o que foi discutido até aqui, pode-se dizer que vários dos fatores apresentados podem ser exemplos das transformações que Keohane e Nye defendem em sua teoria, pois a mundialização da cultura e o poder das idéias, nos

³⁵ SARFATI, Gilberto. *Op. Cit.* p. 166-168.

³⁶ SARFATI, Gilberto. *Op. Cit.* p. 164-165.

³⁷ NYE, Joseph S. & KEOHANE, Robert O. **Power and Interdependence**. Third Edition. USA: Copyright, 2001.

conceitos apresentados de globalização, exemplificam como a interdependência complexa se verifica na organização da sociedade internacional ocidental atual.

Durante a pesquisa foram usadas correntes teóricas diferentes para sustentar a visão internacional que o presente estudo visa desenvolver. É importante ressaltar que este ponto de vista busca abranger os distintos conceitos e fatores abordados. Nesse teor, a mundialização, a cultura e a globalização são temas amplos que são estudados por diversas correntes teóricas. Abordar apenas uma visão desses temas que se mostram complexos e não consensuais seria insatisfatório para o desenvolvimento e conclusão do trabalho em questão.

A partir das reflexões desenvolvidas até o momento, dá-se seqüência ao presente estudo com o capítulo 2, que busca apresentar como a modernidade e a mídia provocaram mudanças na organização das sociedades, e a partir do seu desenvolvimento como fonte de poder, os Estados passaram a apresentar barreiras menores à transmissão de idéias e suas culturas, o que aconteceu pela internacionalização da informação, num sistema de redes complexas.

³⁸ NYE, Joseph S. & KEOHANE, Robert O. *Op. Cit.* p.22

2. HISTÓRIA E CONTEXTUALIZAÇÃO: SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA.

Esse capítulo pretende mostrar como a mídia teve papel fundamental para que o Estado pudesse se desenvolver e se consolidar como soberano. A formação de uma identidade nacional, o nacionalismo da população, o desenvolvimento da sociedade em termos políticos, econômicos, culturais e sociais, a abrangência da cultura e tecnologia na consolidação do poder e o surgimento de novas idéias que alavancaram o desenvolvimento das sociedades ocidentais são vistos como parte da história dessas sociedades, e reafirmam o que foi discutido no capítulo 1, consolidando a idéia de que a organização da sociedade internacional ocidental atual depende de fatores que, até então, não eram tão relevantes no cenário internacional, para ser explicada no atual contexto da globalização. Os sistemas de comunicação atuais se desenvolveram de forma impressionante, o Estado coexiste com outros organismos e instituições internacionais e a sociedade passa a levar em consideração questões ambientais e sociais. A interdependência apresenta-se em situações diversas e vai indiscutivelmente se tornando destaque no cenário internacional.

Considerando que a formação do Estado Moderno trouxe diversas mudanças na estrutura das sociedades e o surgimento da imprensa acelerou algumas das conseqüências dessas transformações, a formação do Estado moderno será adotada como ponto de partida para o desenvolvimento proposto.

Não há como deixar de se acrescentar o fato de que, por se tratar de um período extenso e por delimitação de tempo, tema e conteúdo, na presente pesquisa optou-se por trabalhar com foco nas transformações que de acordo com os autores aqui citados puderam ser vistas como de grande importância para o desenvolvimento das redes de informação e da mídia.

2.1 A Formação do Estado moderno e a mídia.

No século XVII a Europa encontrava-se numa nova configuração, onde crescia o interesse de se ampliar poderes no continente por meio da conquista de novos mercados e territórios. Além disso, divergências religiosas provocavam grande tensão política, onde

os reis de uma determinada região não aceitavam a prática de uma religião contrária à sua fé particular. Este cenário provocou uma série de conflitos, conhecidos como Guerra dos Trinta Anos (1618 - 1648). O conflito permitiu o crescimento de novas potências e foi responsável por uma nova fase na organização política mundial. Seu fim foi estabelecido através da assinatura de tratados, na chamada Paz de Westfália³⁹, que redefiniam territórios e significaram a dissolução da antiga ordem imperial da Europa.

No período moderno, a Paz de Westfália (1648) marca o início das Relações Internacionais modernas, onde se deu a consolidação do conceito Estado-Nação e os países começaram a apresentar características que moldaram o nacionalismo e a formação de uma identidade nacional. Nesse período, a mídia apareceu como fator transformador que teve como consequência a disseminação de idéias e indagações sobre a formação política, social e o nacionalismo. A Paz de Westfália inaugurou o moderno sistema internacional, uma vez que adotou princípios que definiram o conceito de soberania estatal e noções de “paz duradora entre as Nações”, que se estabelecia politicamente e derivava de um equilíbrio de poder.

O Estado-Nação começou a observar que as relações com outros Estados podiam influenciar, mesmo que brandamente, sua organização e pensamento político. Como exemplo, observa-se a Itália, onde na época moderna ocorriam em suas províncias (Veneza e Florença) diversas transformações significativas, sendo que seus reflexos se estendiam até Nuremberg e Estraburgo, onde, pela primeira vez, a imprensa teve papel preponderante.⁴⁰

Segundo Briggs e Burke, os Estados passavam por transformações significativas em sua organização e buscavam meios de se estabelecerem politicamente:

“Em muitos lugares, os Estados reivindicaram cada vez mais o monopólio do uso legítimo da força e da regulamentação jurídica, criaram forças militares permanentes como símbolo de estadismo e como meio de garantir a segurança nacional, consolidaram mecanismos fiscais e redistributivos, estabeleceram infra-estruturas

³⁹ A Paz de Westfália foi uma negociação de paz por várias nações européias que tiveram resultados abrangentes. Ela é apontada como o marco da diplomacia moderna. O tratado definiu fronteiras e pôs fim a diversos conflitos pela Europa.

⁴⁰ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004

nacionais de comunicação, procuraram sistematizar uma língua nacional ou oficial, elevaram os níveis de alfabetização e criaram sistemas nacionais de ensino, promulgaram uma identidade nacional e construíram um conjunto diversificado de instituições políticas, econômicas e culturais nacionais.”⁴¹

Os Estados são redes complexas de instituições, leis e práticas cujo alcance espacial é difícil de garantir e se estabilizar em territórios fixos.⁴² As idéias políticas depois do advento da imprensa foram disseminadas de forma que provocaram e ainda provocam diversas mudanças no contexto social e político dos Estados.

2.2 Império e comunicação

Para Briggs e Burke os Estados foram se modernizando e passaram a contar com outros meios para intensificarem e tornar mais rápidas as interações com outros Estados. Eles complementam “a comunicação, segundo o cientista político norte-americano Karl Deutsch, são *os nervos do governo*, especialmente importante em grandes Estados e acima de tudo em extensos impérios.”⁴³

A comunicação oral também tinha grande importância conforme os citados autores colocam,

“Os governos tinham plena consciência do valor do púlpito para difundir informação, especialmente nas áreas rurais, e estimular a obediência. A rainha *Elizabeth I* falou da necessidade de “sintonizar os púlpitos”, e *Carlos I* concordou, declarando que “em tempos de paz as pessoas são mais governadas pelo púlpito do que pela espada”, uma clássica e primeira declaração da idéia de hegemonia cultural. ...Os boatos foram descritos como “um serviço postal oral”, funcionando com velocidade admirável. As mensagens transmitidas nem sempre eram espontâneas: algumas vezes se disseminavam por motivos políticos e, em tempos de conflito, um lado regularmente acusava o outro de espalhar boatos.”⁴⁴

⁴¹ HELD, David & MCGREW, Anthony. *Op. Cit.* p. 28.

⁴² BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 40.”

⁴³ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 35.

⁴⁴ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 39

As contribuições e os acontecimentos que se deram durante o período moderno desenvolveram as relações entre Estado, sociedade e imprensa. Cada acontecimento, ou mudança se refletia na história da comunicação. A publicação da *Enciclopédia* (com contribuições de D’Alembert, Diderot, Voltaire e Rousseau), que tinha por objetivo despertar a consciência política e transmitir conhecimento, pode ser considerada um dos grandes exemplos que ajudaram a desenvolver a sociedade de modo geral.

2.3 As Nações e o Nacionalismo

Os estudos sobre as Nações e principalmente sobre o desenvolvimento do nacionalismo das sociedades ocidentais é de grande interesse por parte de autores interessados nos temas, o que gera diversos conceitos e interpretações sobre estes assuntos.

Benedict Anderson em “Comunidades Imaginadas” considera que estes fenômenos, devido aos múltiplos significados que apresentam, são produtos culturais específicos e para bem entendê-los “temos que considerar, com cuidado, suas origens históricas, de que maneira seus significados se transformaram ao longo do tempo e porque dispõem, nos dias de hoje, de uma legitimidade emocional tão profunda”.⁴⁵ Para isso Anderson propõe o entendimento do nacionalismo alinhando-o não à ideologias políticas conscientemente adotadas, mas aos grandes sistemas culturais que o precederam, no caso a comunidade religiosa e o reino dinástico.⁴⁶

Anderson apresenta uma análise histórica que mostra como os signos eram importantes para que a comunicação entre dois povos fosse possível. Assim ele exemplifica: “Tomemos o exemplo do Islã: se um maguindanauense encontrasse um berbere em Meca, um desconhecendo o idioma do outro, incapazes de se comunicar oralmente, mesmo assim entenderiam os seus caracteres, porque os textos sacros adotados por ambos existiam apenas em árabe clássico”. Nesse sentido, o árabe escrito era usado criando uma comunidade a partir dos signos. Todas as grandes comunidades clássicas se consideravam cosmicamente centrais, através de uma língua sagrada ligada a

⁴⁵ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 30

⁴⁶ ANDERSON, Benedict. *Op. Cit.* p. 39.

uma ordem supraterrena de poder. Assim, o alcance do latim, do páli, do árabe ou do chinês escritos era, teoricamente, ilimitado.⁴⁷

Mas tudo isso estava mudando rapidamente, novas línguas começaram a ser utilizadas por estudiosos e em publicações, dando maior pluralidade e territorializando os países da Europa. Por outro lado, a legitimidade automática da monarquia sagrada começou a declinar lentamente na Europa Ocidental. Com novas formas de organização dessas sociedades a territorialização se tornou clara.

Anderson completa,

“Por sob o declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas estava ocorrendo uma transformação fundamental nos modos de apreender o mundo, a qual, mais do que qualquer outra coisa, possibilitou “pensar” a nação. ...O declínio lento e irregular dessas convicções mutuamente entrelaçadas, primeiro na Europa Ocidental e depois em outros lugares, sob o impacto da transformação econômica, das “descobertas” (sociais e científicas) e do desenvolvimento de meios de comunicação cada vez mais velozes, levou a uma brusca clivagem entre cosmologia e história.⁴⁸

Desse modo, não admira que se iniciasse a busca, por assim dizer de uma nova maneira de unir significativamente a fraternidade, o poder e o tempo. O elemento que talvez mais catalisou e fez frutificar essa busca foi o *capitalismo editorial*⁴⁹, que permitiu que as pessoas, em números sempre maiores, viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais, de maneiras radicalmente novas.”⁵⁰

O que tornou possível imaginar novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, mas nas palavras de Anderson, explosiva, entre um

⁴⁷ ANDERSON, Benedict. *Op. Cit.* p. 40.

⁴⁸ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P. 69-70.

⁴⁹ Sendo umas das primeiras formas de empreendimento capitalista, o setor editorial teve de proceder à busca de mercados, como é próprio do capitalismo. Os primeiros editores estabeleceram ramificações por toda a Europa, criando uma verdadeira rede internacional de editoras, que ignoravam as fronteiras nacionais. Por isso a introdução da imprensa foi, segundo Anderson, “uma etapa do percurso até a nossa atual sociedade de consumo de massas e de padronização”.

⁵⁰ ANDERSON, Benedict. *Op. Cit.* p. 69-70.

modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade lingüística humana.⁵¹

Em sua obra, Benedict Anderson descreve como a linguagem adquiriu importância e juntamente com o desenvolvimento do capitalismo e a imprensa formaram um cenário ideal para que o conceito Nação fosse construído.

Neste aspecto sua conclusão é,

... “a convergência do capitalismo e da tecnologia de imprensa sobre a fatal diversidade da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, a qual, em sua morfologia básica, montou o cenário para a nação moderna. A extensão potencial dessas comunidades era intrinsecamente limitada, e, ao mesmo tempo, não mantinha senão a mais fortuita relação com as fronteiras políticas existentes...”.⁵²

A partir daí, as marcantes transformações que influenciaram a história do ocidente, levaram ao desenvolvimento do conceito de nacionalismo. Nos meados do século XIX, dentro da Europa desenvolveram-se “nacionalismos oficiais”. Esses nacionalismos eram historicamente impossíveis antes do surgimento de nacionalismos lingüísticos populares, pois, no fundo, foram reações dos grupos de poder - sobretudo, mas não exclusivamente, dinásticos e aristocráticos - ameaçados de exclusão ou marginalização nas comunidades imaginadas populares.⁵³ Esse nacionalismo, que surgiu a partir da necessidade da população, ainda apresenta muitos problemas para ser por ela considerado como identidade nacional homogênea. Muitas nações estavam surgindo e estabelecendo-se politicamente, socialmente, culturalmente, o que provocou diversas transformações e muitos signos durante seu desenvolvimento.

2.4 O desencaixe e as fichas simbólicas

A partir das questões apresentadas até o momento, o conceito de desencaixe, seus mecanismos e como eles aparecem na organização da sociedade ocidental são parte

⁵¹ ANDERSON, Benedict. *Op. Cit.* p. 78.

⁵² ANDERSON, Benedict. *Op. Cit.* p. 82.

⁵³ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.160-162.

fundamental para a análise proposta e vão se mostrar, diante do desenvolvimento deste trabalho, como ferramentas importantes para a consolidação da discussão “o termo modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isso associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial.”⁵⁴

Giddens concorda com Anderson quando apresenta o ritmo de mudança na era da modernidade como uma das características que pode ser identificada no processo das discontinuidades que separam as instituições modernas das ordens sociais tradicionais. Com as condições da modernidade, a rapidez dessas mudanças é extrema, não só no que toca à tecnologia, mas também no que permeia as outras esferas. Uma segunda discontinuidade é o escopo da mudança. Conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra. Mesmo as teorias que enfatizam a importância de transições, como a de Marx, vêem a história humana como tendo uma direção global, governada por princípios dinâmicos gerais.⁵⁵

Para Giddens o conceito de sociedade ocupa uma posição focal no discurso sociológico. “Sociedade” é obviamente uma noção ambígua, referindo-se tanto à “associação social” de um modo genérico quanto a um sistema específico de relações sociais.”⁵⁶ Mas todas estas sociedades são também entrelaçadas com conexões que perpassam o sistema sociopolítico do Estado e a ordem cultural da Nação.

A separação tempo-espaco propicia a condição para o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe das instituições sociais. O autor se refere a desencaixe como “o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaco.”⁵⁷ Dentro desse sistema de desencaixe, Giddens distingue dois tipos de mecanismos que estão intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento das instituições modernas. O primeiro é denominado criação de fichas simbólicas e o segundo chamado de estabelecimento de sistemas peritos.

⁵⁴ GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991. p. 11.

⁵⁵ GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991. p. 14-16.

⁵⁶ GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p. 21.

⁵⁷ GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p. 29.

Segundo o autor citado, as fichas simbólicas significam meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. Vários tipos de fichas simbólicas podem ser distinguidos, tais como os meios de legitimação política, o poder, a linguagem, entre outros.⁵⁸

Giddens usa a ficha do dinheiro como exemplo, e ainda explica que a condição de desencaixe proporcionada pelas economias monetárias modernas é imensamente maior do que em qualquer das civilizações pré-modernas em que existia dinheiro. Ele é um exemplo dos mecanismos de desencaixe associados à modernidade. O “dinheiro propriamente dito”, entretanto, é obviamente uma parte inerente da vida social moderna bem como um tipo específico de ficha simbólica. Ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna. Uma das formas mais características de desencaixe na era moderna, por exemplo, é a expansão dos mercados capitalistas, que ocorrem relativamente cedo num escopo internacional.⁵⁹

Os sistemas peritos são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”. Em decorrência da sensação de desconforto, ansiedade, ou mesmo de perigo ocasionada pela ruptura espaço-temporal e seu ritmo mais acelerado de mudanças – ou desencaixe –, os atores necessitam desenvolver ações que transmitam segurança para sobreviver. Para ganhar segurança, as pessoas desenvolvem, então, mecanismos de confiança nos sistemas peritos. Um sistema perito desencaixa da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo garantias de expectativas através de tempo-espaço distanciados.⁶⁰

Por meio desses mecanismos, Giddens explica o contexto de sua utilização, dizendo que nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade, dessa maneira ela não é inteiramente estática, porque tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes.

⁵⁸ GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p. 30.

⁵⁹ GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p. 32-34.

⁶⁰ GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p. 35-36.

As mudanças nas ordens de valores não são independentes das inovações na orientação cognitiva criadas por perspectivas cambiantes sobre o mundo social. Se o conhecimento novo pudesse ser empregado sobre uma base racional transcendental de valores, esta situação não se aplicaria. Mas não existe tal base racional de valores, e as mudanças na perspectiva derivadas de *inputs* de conhecimento têm uma relação móvel com as mudanças nas orientações de valores.⁶¹

É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea.

Nesse sentido, Eric Hobsbawm apresenta o conceito de “tradição inventada”, entendida como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.⁶² Esse comportamento é visto na organização das sociedades ocidentais e faz parte do processo histórico da consolidação de uma identidade nacional. É a partir da modernidade que as transformações nas sociedades se fazem visíveis e constantes.

Com essas transformações, conforme afirma Giddens, “a modernidade é inerentemente globalizante”, tendo a globalização papel que impõe transformações que reconfiguram a tradição. O local e o global aparecem de tal forma conectados que influenciam um ao outro. Há uma interdependência cada vez maior entre as coletividades e grupos de todos os tipos, incluindo o Estado. Todos têm que levar em consideração essa realidade, o que pressupõe repensar os papéis, sua reorganização e reformulação.

Na lição de Octavio Ianni⁶³, a globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as idéias. A despeito das marcas originais, da ilusão da origem, tudo tende a

⁶¹ GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p.50.

⁶² HOBBSAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p.9

⁶³ Octavio Ianni foi um respeitado sociólogo brasileiro que possui um extenso trabalho sobre a organização e formação de uma sociedade global, as teorias da globalização e o desenvolvimento da mundialização da cultura.

deslocar-se além das fronteiras, línguas nacionais, hinos, bandeiras, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas. Formam-se estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais e assim se desenvolve o processo de desterritorialização, uma característica essencial da sociedade global em formação⁶⁴.

2.5 Uma retrospectiva histórica da informação

Por se tratar de uma história com muitos acontecimentos relevantes e dado o presente estudo tratar de alguns fatores que são importantes no processo da globalização, opta-se por tratar de fatos e épocas específicas, para selecionar o que mais se adapta à presente análise e explicar os processos da internacionalização da informação. Desse modo acaba-se por privilegiar alguns fatos em detrimento de outros, o que não interferirá nas conclusões deste trabalho. A mídia precisa ser vista como um sistema em contínua mudança, na qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque.

No período da II Guerra Mundial, a imprensa mais do que nunca, se desenvolveu e com ela começaram a surgir novas maneiras de comunicação que foram importantes mecanismos para a população durante os anos de conflito. É nessa época que o rádio aparece como um dos principais meios da população ter acesso a informações sobre o conflito, trazendo, também, uma nova fase de entretenimento. Era um meio de comunicação prático e democrático, muito utilizado pelo então presidente dos Estados Unidos Franklin D. Roosevelt.

A tecnologia foi desenvolvendo vários meios de comunicação, e a televisão foi uma grande revolução que pretendia proporcionar à população entretenimento, educação e informação. Nos EUA uma audiência de massa começava a crescer explosivamente a cada semana, assim como o público de cinema devido sua popularidade.

Durante a Guerra Fria, com a divisão entre ocidente e oriente, diferenças foram surgindo no desenvolvimento da mídia, e esta, conforme Briggs e Burke, pôde ser considerada um quarto poder de influência para as sociedades ocidentais. Com a Guerra Fria, a televisão, o rádio e os jornais eram controlados e censurados, o que se mostrou como uma nova organização para a mídia.

⁶⁴ IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 10 edição p. 94-95.

McLuhan, em “A Aldeia Global”, publicado em 1960, tratou mais de abrangência da mídia (incluindo a imprensa, o rádio e a televisão) do que das mensagens e seus conteúdos, não levando em consideração as diferenças nacionais ou as diversidades sociais dentro de cada país, as quais influenciaram diretamente, junto com as estruturas educacionais, os padrões de controle, as gamas de conteúdo e os estilos de apresentação.⁶⁵

A gama de questões relacionadas à televisão, algumas idênticas às levantadas sobre a imprensa, freqüentemente tinham pouco a ver com tecnologia. Um de seus maiores avanços é que graças a sua difusão no mundo, tanto em países democráticos quanto em autoritários (deixando de fora de seu alcance apenas alguns desses países), a informação atingia um público vasto e variado, a televisão havia adquirido novos amigos e inimigos. Os comentários agora eram multiculturais.⁶⁶

No entanto, se a crítica se esgotasse somente em questões de qualidades da televisão ou o que ela representa, jamais haveria tantos debates como os que aconteceram em diversos países sobre decência, sexo, violência, e bom gosto, ou sobre padrões e códigos. Os assuntos legais eram complexos, e essa complexidade aumentou com o advento das transmissões via cabo e finalmente com a *Internet*.

Embora a história da tecnologia não seja o único elemento na história da mídia da segunda metade do século XX, os computadores devem ser considerados em qualquer análise histórica, pois logo que deixaram de ser simples máquinas de calcular, eles passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas.⁶⁷

Os computadores traziam novas perspectivas no desenvolvimento da mídia, e após imensas mudanças políticas e sociais que ocorreram após 1985, uma nova fase da informação se consolidava. Para historiadores, geógrafos e estudiosos do desenvolvimento da informação, quando a *Internet* passou a fazer parte da vida das sociedades o comércio virtual ou “e-comércio” pode ser visto como o auge da revolução do consumo. Com o desenvolvimento da comunicação por computador e satélite (um

⁶⁵ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 248

⁶⁶ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 255

⁶⁷ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 283.

fator tecnológico), as notícias viajavam muito mais rapidamente que antes. Os fatos que aconteciam no mundo passavam a chegar ao telespectador num período menor de tempo. A chegada da *internet* trouxe a necessidade de uma avaliação das mudanças de relações entre a informação, educação e entretenimento. Ela passou a ser considerada como um fator que aumentava a possibilidade de aprendizado continuado.

O alcance da informação perante a nova forma de organização da mídia que agora conectava lugares, pessoas e acontecimentos passou a ser considerado como um instrumento de poder único que se desenvolveu continuamente, atravessando barreiras e fortalecendo a idéia de que para a informação não existem fronteiras intransponíveis.

Informar tornou-se uma preocupação relevante em todo lugar, de maneira que se fala tanto “em falta de informação quanto em saturação de informação.” Briggs e Burke completam: “...sem informação - sem a oportunidade de selecionar, distribuir e discutir informação não há poder.”⁶⁸

Nesse sentido, Briggs e Burke apresentam a informação como fator de importância indiscutível em meio às sociedades e nas relações entre elas: “A informação não tem fronteiras naturais. Quando o espaço da informação se constituir, as atividades mundiais de comunicação entre cidadãos de todo o mundo ultrapassarão todas as fronteiras nacionais.” Diferentemente do espaço geográfico convencional, ‘o espaço de informação global’ será conectado por redes de informação.”⁶⁹

No âmbito da sociedade mundial em curso de novos desenvolvimentos, tudo adquire outro vulto: diversidades e desigualdades, interdependências e integrações, fragmentações e antagonismos.⁷⁰

A convergência da mídia transformou as comunicações. À medida em que novos serviços se tornam facilmente disponíveis, muda-se a maneira como se vive e se trabalha, alterando as percepções, as crenças e as instituições. É de grande valia que se entenda esses efeitos para o desenvolvimento dos recursos eletrônicos. Entretanto, há de se ressaltar que as inovações não beneficiam a sociedade na mesma medida, pois o acesso é restrito e questiona-se se os benefícios que elas provocam são mais vantajosos para a sociedade ou para aqueles que lucram com seu desenvolvimento.

⁶⁸ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 258, 260.

⁶⁹ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 267.

⁷⁰ IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2002. p. 153 .

Nesse sentido o próximo capítulo apresentará um breve histórico do cinema e da indústria cultural norte-americana, analisando como os símbolos e as ideologias criados a partir das transformações da informação e desenvolvimento da mídia, levam em consideração fatores como a organização e transmissão das idéias, culturas e línguas nacionais, vistos como aparelhos privados de hegemonia. Dois filmes buscarão exemplificar como os conceitos apresentados atingem a sociedade e influenciam o público, numa constante disputa na busca do convencimento.

3. ESTUDO DE CASO: FILMES E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A conjuntura internacional revela-se mais instável e complexa do que a bipolaridade da Guerra Fria. Permanecem como características do século XXI a hierarquia de poder, representada pelos poderes hegemônicos. Os Estados, entretanto, buscam novas formas de se estabelecerem no cenário internacional atual e garantirem espaço frente aos novos atores que se fazem presente nas relações internacionais na configuração mundial vigente.

Partindo-se dessa premissa, o presente capítulo vai trabalhar como o cinema e a produção cultural podem ser analisados como instrumentos de poder. Como dito, o foco deste trabalho é apresentar teorias das Relações Internacionais que sejam tidas como alternativas para o paradigma Realista. O pensamento realista procura regularidades no sistema internacional que lhe permitam prever como as entidades políticas se comportarão. Já para a Teoria Crítica, entende-se que a ordem internacional está em constante transformação.⁷¹ Para Robert Cox, um dos principais acadêmicos a estudar a partir do pensamento neogramsciano – enfocando, dentre outras coisas a concepção ampliada de Estado - a teoria como conceito é condicionada pela influência social, cultural e ideológica. Portanto, cabe à Teoria Crítica, trazer à consciência perspectivas latentes, interesses e valores que dão origem ou orientam qualquer teoria. O conhecimento que a Teoria Crítica persegue não é neutro; é politicamente e eticamente carregado por um interesse na transformação social e política. O enfoque é a transformação da ordem internacional, a isso se referem à realidade política, econômica e social.⁷²

Para tanto, os filmes “A Conquista da Honra” e “Carta de Iwo Jima,” ambos do diretor norte-americano Clint Eastwood, foram selecionados com o intuito de se apresentar uma análise que possa abranger os conceitos abordados nesse trabalho.

Com isso, visando um estudo que explique os valores simbólicos que o cinema contém atualmente e a influência que este tem sobre o comportamento das sociedades e

⁷¹ SILVA, Marco Antônio de Meneses. “Teoria Crítica em Relações Internacionais”. Contexto Internacional, v. 27, p. 249-282, 2005.

⁷² SILVA, Marco Antônio de Meneses. “Teoria Crítica em Relações Internacionais”. Contexto Internacional, v. 27, p. 249-282, 2005.

sobre a organização e ideologia políticas, optou-se por apresentar os filmes trabalhando mais de uma perspectiva de análise. As perspectivas aqui adotadas analisarão os filmes por três óticas distintas. A primeira busca mostrar como, ao se comparar os dois filmes, os “valores do outro”, a cultura e suas relações se comportam. A segunda busca analisar os filmes a partir da metalinguagem percebida nos dois, mostrando os símbolos e significados muitas vezes ocultos ou subentendidos. Por último, será feito um breve comparativo entre a realidade norte-americana atual, depois do atentado terrorista de 11 de setembro, e a situação norte-americana da Segunda Guerra Mundial, que é trabalhada em um dos filmes.

A escolha dos filmes é significativa pois se justifica primeiramente pela difusão do cinema norte-americano, com alcance mundial e conseqüentemente visto como uma poderosa política de força usada especialmente pelos EUA. Uma análise fílmica é fato pontual e, muitas vezes, deixa de fora fatores e explicações que em análise mais abrangente seriam abordados para o entendimento dentro das relações internacionais. Entretanto, levando-se em consideração os fatores e fenômenos apresentados e a delimitação do assunto nesse estudo, a análise desenvolvida pretende-se suficiente para exemplificar e consolidar os objetivos estabelecidos de forma a apresentar resultados significativos para a reflexão acadêmica.

3.1 O cinema hollywoodiano e a indústria cultural norte- americana

A evolução da indústria cinematográfica é caracterizada por transformações freqüentes, que tornam cada vez mais complexas a sua dinâmica produtiva e seu impacto social, econômico e cultural. Diante da importância multiplicadora do cinema na configuração da sociedade contemporânea, o cinema hollywoodiano é uma das mais bem sucedidas indústrias de entretenimento do mundo. Apesar de nem todos os filmes dos Estados Unidos serem produzidos em Hollywood, esta cidade se tornou sinônimo da produção nacional cinematográfica norte-americana pois apresentava condições ideais para o cinema, com dias ensolarados quase todo ano e diferentes paisagens que puderam servir como locações.

Até a eclosão de Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a França detinha a maior indústria cinematográfica do mundo. No ano em que se iniciou a Primeira Guerra Mundial - 1914, o cineasta norte-americano David W. Griffith realizou o primeiro grande clássico do cinema, o longa-metragem, *O Nascimento de Uma Nação*. Este fato tem importante relevância, pois, no ano em que por motivos de guerra, as maiores forças industriais da Europa Ocidental tiveram que reduzir consideravelmente sua produção, os Estados Unidos lançaram um grande sucesso de público e crítica, marcando o início da participação norte-americana no mundo do cinema.

Segundo Ortiz, é apenas durante o século XX que o processo de mundialização se torna pleno. Trata-se de uma progressão contínua, que na conjuntura posterior à Segunda Guerra Mundial (1945-1948) sofrerá saltos e redefinições. Para o ponto de vista estudado, cabe ressaltar o advento das indústrias culturais. Para Ortiz, o modo de produção industrial, aplicado ao domínio da cultura, tem a capacidade de impulsioná-la no circuito mundial. Com isso, o cinema tem papel fundamental para o intercâmbio das imagens. Ortiz explica, “Gêneros populares, aventura, folhetins, *western*, consagram na tela diferentes estilos. Chaplin, Garbo e Valentino são ídolos internacionais”.⁷³

A grandiosidade das produções e o estilo narrativo definem a produção cinematográfica dos Estados Unidos que, desde o início de século XX, tem na tecnologia parte constante no processo de desenvolvimento da indústria cultural norte-americana. Desde avanços sonoros, passando pelo processo de colorização, até se chegar à revolução dos efeitos especiais, protagonizada especialmente por Spielberg nas décadas de 70 e 80, a ampliação do que se conceitua ser cinema se deve em grande parte à noção que a indústria norte-americana busca sedimentar o “ninguém faz filmes bons como a nossa indústria”, através da publicidade destas inovações e o público pagante.

Com isso, a predominância do cinema hegemônico norte-americano passou a contar cada vez mais com a produção das grandes empresas de Hollywood, que devido à magnitude do mercado global, e da competição entre as companhias passaram a buscar fusões empresariais como uma forma de maximização dos lucros.⁷⁴

⁷³ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 56.

⁷⁴ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 164.

Dessa maneira, o cinema se comporta como um aparelho privado de hegemonia onde os filmes são artifício norte-americano que buscam impor seus códigos formais e temáticas além de sua região. O cinema de Hollywood vem contribuindo há décadas para a exportação da noção padronizada de vida norte-americana e permitindo uma penetração mais fácil para a *Coca-Cola*, os *Luky-Strike* ou os *Ford*: estereótipos que atuam em todos os lugares que se fazem presentes, como sinais de desterritorialização da cultura.⁷⁵

Trata-se de um cinema baseado em códigos formais, visto como local de disputa na busca do convencimento de ideologias e influência social, cultural e política, constituindo aparelho da superestrutura ideológica construída pela classe dominante americana.

Em seu curso de afirmação social, cultural e comercial, como entretenimento para a população, o cinema hollywoodiano apresenta características que devem ser analisadas para o entendimento das políticas e estratégias que contam com o apoio da indústria e governo dos Estados Unidos. Atualmente, parcerias internacionais e articulações através de organismos multilaterais mostram caminhos para o desenvolvimento de discussões que visam enriquecer e desenvolver estudos do cinema, seu alcance e conseqüências para as relações internacionais, visto que este representa um importante instrumento de poder. Neste sentido, a discussão no âmbito da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (Unesco) conforme apresentado no capítulo 2 deste trabalho, levou à aprovação da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade e das Expressões Culturais, em outubro de 2005 num importante avanço no sentido de minimizar os efeitos e influências da indústria cultural norte-americana e promover o incentivo à cultura e diversidade.

A partir das considerações acerca do cinema e indústria cultural, os filmes selecionados têm condição de exemplificar e ilustrar os conceitos e teorias abordados, na tentativa de trazer uma visão em que a riqueza das dimensões simbólicas das Relações Internacionais é explorada.

⁷⁵ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 56.

3.2 “A Conquista da Honra” e “Cartas de Iwo Jima”.

A escolha dos filmes “A Conquista da Honra” e “Cartas de Iwo Jima” se deu com o intuito de mostrar os dois lados da batalha que ocorreu na ilha de Iwo Jima, uma pequena ilha vulcânica localizada ao sul do Oceano Pacífico que, em fevereiro de 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, foi cenário de violentos combates onde morreram 6.821 soldados americanos e 21.900 do exército imperial japonês.

“A Conquista da Honra” e “Cartas de Iwo Jima” foram lançados no mesmo ano, em 2006. Ao trabalhar os dois lados da batalha, o diretor Clint Eastwood tenta se mostrar isento, colocando os dois lados da guerra de forma igual. Entretanto os americanos e japoneses encaravam a guerra de maneira diferente. Enquanto os americanos se apoiavam na mídia e na divulgação de seus heróis para arrecadar fundos para o financiamento da batalha, os japoneses se concentravam na determinação de seus soldados e no compromisso de proteger seu solo imperial. Assim, os dois filmes consideram duas construções: a concepção japonesa de defesa de um solo sagrado e a busca de glória americana pela posse de um território inimigo.

O filme “A Conquista da Honra” é baseado no livro de James Bradley, que conta a história real dos seis soldados que ergueram a bandeira norte-americana na batalha de Iwo Jima, decisiva na Segunda Guerra Mundial. A produção foca os dramas vividos por alguns membros do exército norte-americano que estiveram presentes na ilha japonesa e, após erguerem a bandeira, voltaram para os EUA e partiram numa viagem por diversos estados americanos a fim de ajudarem o governo norte-americano a levantar fundos para conseguir manter o exército do país no Japão, continuando o conflito mundial.

Cartas de Iwo Jima conta a história da mesma batalha sob o ponto de vista dos soldados japoneses que participaram do conflito e foi produzido a partir da leitura de cartas encontradas nos locais da batalha.

3.3 Dois olhares, mesma história

Os filmes discutidos foram lançados no mesmo ano, em 2006, e têm como base de suas histórias as percepções distintas das culturas de dois países frente uma batalha,

Estados Unidos e Japão. Este simples fato já remete a uma característica recorrente pela mídia norte-americana no lançamento dos filmes. “A Conquista da Honra”, filme que trabalha a guerra sob o ponto de vista americano foi lançado alguns meses antes de “Cartas de Iwo Jima”. No lançamento deste último filme a propaganda norte-americana se centrou no fato de “Cartas de Iwo Jima” ser filmado na língua japonesa, apesar da produção e direção norte-americana. Tal fato repercutiu no mundo todo. Os Estados Unidos buscavam transmitir uma mensagem.

Como mostrado no capítulo 1, a língua se mostra como importante instrumento de poder. No processo de construção nacional, o papel do Estado é fundamental na unificação do mercado lingüístico. Os Estados Unidos sempre foram criticados por investirem em filmes que vangloriassem suas batalhas. A maioria desses filmes, mesmo mostrando conflitos ou situações em diferentes lugares, utilizava a língua inglesa para ilustrar os acontecimentos e estabelecer contatos com outros povos e culturas, o que passa a idéia da língua inglesa ser elo entre diferentes culturas, uma “língua mundial”. Dessa forma, o inglês adquire uma autonomia interna às diversas culturas mundializadas, possuindo uma vida própria no seio das comunidades lingüísticas⁷⁶.

Quando Eastwood filma na língua japonesa, ele busca atingir imparcialidade para trabalhar a partir da cultura e códigos de honra japoneses, tão válidos e elevados como o de qualquer outra nação.

Entretanto, pela ótica japonesa o filme mostra que o Estado detinha grande poder perante a organização da sociedade, o que fica claro quando um dos personagens principais conta de que maneira ele chegou até a guerra e como seus objetivos divergem do esperado por seu povo e seu país.

“Cartas de Iwo Jima” apresenta um general japonês, grande estrategista e conhecedor da cultura e poderio americanos, que, com atitudes contrárias tomadas durante o filme, vai criando um cenário onde o personagem ganha destaque à medida que mostra sensibilidade e inteligência frente a uma batalha em que a desvantagem é clara. Isso remete aos conceitos de poder e cultura trabalhados anteriormente. No caso japonês, o ritual de suicídio, quando a derrota era iminente, era comum e aceito por todos, como prova de que o soldado fez o melhor que pôde por seu país, mas que não abandona seu

⁷⁶ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 102.

posto nunca, preferindo morrer a ser dominado pelo inimigo. Este ritual é mostrado como uma coisa ruim no filme, visto que um dos personagens principais tem medo quando seus companheiros decidem pelo suicídio, atitude tomada contra as ordens do general japonês, o que reforça a carga simbólica negativa do suicídio nessa análise. Levando-se em consideração que para a cultura norte-americana o suicídio é tido como negativo e esse ato é mostrado da mesma maneira no filme japonês, chega-se a seguinte indagação: Será realmente que os dois filmes mostram os dois lados da batalha?

A proposta de Clint Eastwood foi a de trazer ao público dois filmes que contassem a mesma história com olhares diferentes. Entretanto, sendo o diretor norte-americano e os Estados Unidos o principal país a investir em cinema e mídia, como discutiu-se durante a primeira parte deste trabalho, não é claro até que ponto existe imparcialidade nas narrativas apresentadas.

Dessa maneira, conforme apresentado pela Teoria Crítica de Robert Cox, o conhecimento não é neutro. Há interesse nas transformações sociais e políticas, o que reforça esse fato. Para Cox, as instituições apóiam-se em entidades mais amplas denominadas “estruturas”, que são o produto das ações e das expectativas recorrentes. Há estruturas na linguagem, nos modos de pensar, nas práticas da vida política, econômica e social. As estruturas são assim o contexto mais amplo dentro do qual as instituições estão localizadas.

Cox ainda explica,

“As estruturas são construídas socialmente, isto é, tornam-se parte do mundo objetivo em virtude de sua existência na intersubjetividade dos grupos relevantes. O mundo objetivo das instituições é real porque o fazemos assim, compartilhando uma visão determinada na nossa imaginação, independentemente de como a valorizamos, se aprovamos ou não. Realidade formada intersubjetivamente, as instituições que estruturam como a vida material é organizada e produzida são parte do mundo material, tão independentes da vontade individual quanto os materiais físico brutos sobre os quais funcionam.”⁷⁷

⁷⁷ COX, Robert W. *Rumo a uma conceituação pós-hegemônica da ordem mundial: reflexões sobre a relevância de Ibn kaldun*, in Rosenau, James N. & Czempiel, Ernst-Otto (Orgs). **Governança sem Governo: ordem e transformação na política mundial**. p. 191.

Portanto, as tentativas de se compreender os processos de mudança histórica, parte do pensamento neo-gramsciano, ou no caso, da busca pela imparcialidade nas narrativas fílmicas, precisam enfrentar essa questão fundamental: como esse mundo objetivo é feito e refeito mediante alterações na intersubjetividade. A neutralidade dos fatos torna-se questionável.

Outra cena que merece atenção nessa perspectiva de análise é a que mostra o momento em que alguns soldados japoneses decidem se entregar por acharem que o inimigo ofereceria melhores condições do que seu exército. Nessa cena há uma clara referência à cultura americana como aquela que oferece melhores condições mesmo em situações extremas de uma batalha, essa mensagem, subjetiva no filme, mostra a forma pela qual um Estado pode usar sua cultura como forte instrumento de poder. Outra cena significativa no mesmo filme e que pode ser analisada dentro das perspectivas estudadas, é o momento em que um soldado americano é capturado pelo exército japonês. O soldado, temendo ser morto ou torturado, demonstra medo e insegurança. Entretanto neste cenário a língua é, mais uma vez, fator importante, pois quando o general japonês poupa a vida do soldado americano, depois de ler uma carta deste e conversar com ele, passa a imagem de ser um homem sábio e piedoso e a língua inglesa é usada como símbolo dessas características.

De acordo com esta primeira perspectiva de análise, o cinema exemplifica o discutido em Gramsci, pois é visto como local de disputa na busca de influência, seja esta no campo social, político ou cultural. O convencimento apresenta caráter que direciona o público a aceitar, mesmo que de forma implícita os valores e costumes norte-americanos utilizando instrumento que diverge da força militar, mas apresenta grande eficácia.

A corrente teórica realista moderna, de acordo com Sarfati, define o poder em três categorias: Poder militar – expressão mais alta do poder (*high politics*); Poder Econômico – submete-se ao poder militar, mas pode vir a serviço do poder político, no sentido dos interesses do Estado; Poder sobre a opinião – a arte da persuasão como essência do político.⁷⁸

Entretanto, a organização internacional, como debatido neste trabalho, dispõe de outros fatores que influenciam de forma significativa as relações entre os Estados de

⁷⁸ SARFATI, Gilberto. **Teoria de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.p 89.

forma que as disputas no cenário internacional vão além da questão de segurança e estratégica militar. O cinema pode ser tido em Gramsci como aparelho privado de hegemonia que serve de arena para as disputas em busca do convencimento visando-se exportar valores, idéias e ideologias, apresentando uma forma de dominação que de maneira subjetiva acaba tendo efeitos de grande relevância. Já para os realistas, o poder sobre a opinião tem uma dimensão marginal e sempre vinculada aos fins da ‘alta política’, jamais merecendo o foco principal do embate. Enquanto o enfoque gramsciano leva à visão da política como disputa simbólica, os realistas priorizam e enfatizam a disputa ‘concreta’, territorial e militar.

O cinema, como exemplo, mas de maneira mais abrangente a mídia, serve de meio para que as Nações, no caso estudado, os Estados Unidos, construam e estabeleçam sua visão de mundo, o que interfere de maneira efetiva nas relações internacionais, pois com isso o país sustenta muitas de suas posições políticas, com o apoio (explícito ou não) da sociedade internacional. O cinema norte-americano usa da intersubjetividade para apresentar e, muitas vezes, consolidar posições frente ao mundo. Essa estratégia espera atingir o maior número de pessoas possível, buscando influenciar e mudar o pensamento social de outras nações. As disputas simbólicas contidas nessa estratégia, como apresenta Gramsci e mais tarde é retomada por Cox, fazem do cinema uma política de força onde a estratégia de difundir crenças e valores mundo afora se faz presente na busca norte-americana de atingir uma certa transnacionalização do *american way of life*. Dentro dessa ótica, os EUA podem ser vistos como potência a utilizar as idéias como forma de consolidar uma hegemonia que só se dá com a cooptação da sociedade civil.

Assim, conforme Gilson Wessler Michels, na obra “Gramsci Estado e Relações Internacionais”, a idéia gramsciana de hegemonia como consenso buscado no âmbito da sociedade civil não apenas tem aplicabilidade na esfera das relações internacionais, como também aponta um caminho concreto para a preservação do poder por parte das potências hegemônicas.⁷⁹

Os dois filmes estudados apesar de se proporem a apresentar diferentes visões da batalha, acabam por mostrar os Estados Unidos como líderes, a nação libertadora,

⁷⁹ MICHELS, Gilson Wessler. Guerra do Iraque e hegemonia norte-americana: Uma leitura a partir de Gramsci. In: MEZZARROBA, Oribes (Org.) **Gramsci Estado e Relações Internacionais**. Bouteux: Florianópolis, 2005.

democrática, e por mais que o diretor busque uma visão alternativa na versão japonesa, no filme “Cartas de Iwo Jima” o Japão não é descrito como uma nação contra-hegemônica que busca se estabelecer e se expandir, há apenas uma sensação de disputa entre os norte-americanos e japoneses, que já se apresenta pré-definida pelo fato do filme ser baseado em fatos históricos onde já se conhece o desfecho da batalha.

A próxima análise abordará o filme “A Conquista da Honra” de forma mais direta, apresentando os símbolos e ideologias presentes em sua narrativa.

3.4 A metalinguagem por trás das câmeras

O filme “A Conquista da Honra” é baseado no livro de James Bradley, que conta a história real dos seis soldados que ergueram a bandeira norte-americana na batalha de Iwo Jima, decisiva na Segunda Guerra Mundial. A produção foca os dramas vividos por alguns membros do exército norte-americano que estiveram presentes na ilha japonesa e, após erguerem a bandeira, voltaram para os EUA e partiram numa viagem por diversos estados americanos a fim de ajudarem o governo a levantar fundos para conseguir manter o exército do país no Japão, continuando o conflito mundial.

A “Conquista da Honra” é um estudo sobre a manipulação política do homem comum, os fatores políticos e econômicos que estão por trás de grandes símbolos e ideologias na busca pelo poder, e como a mídia pode contribuir de maneira significativa e influenciadora nesse processo. Este filme trata de questões que exemplificam os conceitos que foram apresentados no capítulo 2, uma vez que mostra a desconstrução do herói americano, os símbolos e ideais que a população enxerga num período de Guerra com a suposta manipulação de imagens e como isso interfere na consciência nacionalista dos norte-americanos.

O filme apresenta uma visão pouco usual para o cinema norte-americano, pois trabalha a idéia de que os Estados Unidos passavam por um momento decisivo no desenrolar da II Guerra Mundial. A economia passava por dificuldades e a guerra era uma alternativa viável para a manutenção e retomada do desenvolvimento, principalmente o tecnológico e o econômico. Assim, a narrativa trabalha a cena da foto tirada por Joe Rosenthal na batalha de Iwo Jima como fato único que merece a atenção do

público, pois o hasteamento da bandeira norte-americana no Monte Suribachi serve de inspiração usada pela mídia para que o povo americano passasse a acreditar na vitória da guerra. Há um diálogo interessante em que é usada a frase: “*A foto certa pode vencer ou perder uma guerra*”. A imagem fotográfica publicada nos jornais norte-americanos é usada como pretexto para alavancar fundos para a continuação dos Estados Unidos na batalha. Entretanto, o filme mostra que o povo americano acreditava que a foto e as turnês promovidas pelos três fuzileiros sobreviventes, representavam de fato a situação dos EUA na Guerra. Quando retornaram ao seu país, por todos os lugares por onde passavam, eles eram recebidos como heróis de guerra, fato que os incomodavam, visto que a partir da foto e da divulgação feita pela mídia, o povo acreditava que eles eram os responsáveis pela bem-sucedida investida norte-americana. O filme retoma muitas vezes as cenas em que se vê tal fato, reconstruindo uma imagem simbólica de vitória passada ao público que é parte do mecanismo de desençaixe que a guerra provoca. . Seu valor simbólico é tão importante que uma sociedade inteira passa a ver a guerra como motivo de orgulho para o país. A espetacularização da mídia em torno de uma imagem é claramente usada como instrumento de poder que se torna ícone de bravura e resistência de um povo.

Por outro lado, a figura do herói americano, é desconstruída conforme a narrativa é desenvolvida. Os personagens, apesar de serem apresentados como heróis nos eventos em que participavam, não se sentiam assim, e por isso tinham comportamentos não típicos para um herói, remetendo à desconstrução dessa simbologia por Clint Eastwood. O soldado americano índio, que serviria de símbolo para o nacionalismo dos Estados Unidos aparece muitas vezes bêbado, participando de brigas e com comportamentos não usuais que seriam esperados da figura do “herói”. Durante o filme, “A Conquista da Honra” nos momentos em que esse soldado aparece bêbado, há uma tentativa de escondê-lo, para que as fraquezas do sistema não aparecessem. Dessa forma, o nacionalismo do povo americano é apresentado pelo diretor como um produto cultural montado pela mídia.

Com isso, fica clara a metalinguagem que Eastwood utiliza para convencer o público de sua versão da história da guerra. Os filmes que apresentam narrativas baseadas em fatos históricos, são tidos como estratégicos por parte dos governos, em especial para

os Estados Unidos. Muitas pessoas não têm acesso à informação e conhecem a História Mundial por filmes análogos a importantes batalhas, como a Batalha de Iwo Jima na Segunda Guerra Mundial. Dado este fato, entende-se porque em muitos filmes os conceitos de “Aliados” e “democracia” aparecem em vários momentos no decorrer das narrativas produzidas pela indústria cultural norte-americana.

A metalinguagem reforça os conceitos trabalhados no primeiro capítulo quanto aos Estados Unidos serem considerados agente cultural internacional. Tal afirmação só é possível se levar-se em conta o fato do país possuir hegemonia. O desenvolvimento do conceito de Gramsci de hegemonia leva a refletir sobre a reinterpretação da realidade internacional atual. A concepção de hegemonia em Gramsci está incluída à capacidade de desvendar a identidade nacional, ou seja, as características típicas de um determinado grupo. Dessa forma, de acordo com Mezzaroba, hegemonia significa “conhecimento, além da ação, por isso é a conquista de um novo nível de cultura, é a descoberta de coisas que não se conhecia. Assim, o processo de hegemonia é então um processo de unificação do pensamento e da ação.”⁸⁰

O autor ainda explica:

“A hegemonia se conquista antes da conquista do poder, e é uma condição essencial da conquista do poder. Nesse sentido, um determinado grupo só conquistará a supremacia sobre outro grupo, na medida em que conquistar a direção e o poder. O grupo pode ficar hegemônico mesmo antes de conquistar o poder, para isso basta que consiga difundir entre todos os seus membros a sua identidade política e cultural.”⁸¹

Verifica-se, portanto, que a identidade cultural e política são essenciais para que uma nação consolide sua hegemonia, e a sociedade civil é papel fundamental nessa consolidação, uma vez que é ela a responsável por aceitar os sistemas de valores culturais e políticos propostos. Assim, a partir do momento que os Estados Unidos apresentam uma indústria cinematográfica multimilionária que está sempre investindo em grandes produções, principalmente aquelas em que seu país é mostrado como um lugar

⁸⁰ MEZZAROBA, Orides (Org). **Gramsci. Estado e Relações Internacionais**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005. p. 9.

maravilhoso para se viver, que sua cultura é rica e diversificada, sua comida é saborosa e sua moda em vestuário é a mais atual, ou então as produções que nos remetem às guerras que o país já participou, com personagens que simbolizam heróis, valorizando o nacionalismo dos EUA, podem ser caracterizadas como a busca da consolidação de sua hegemonia.

Desse modo, os valores americanos mostram uma interdependência crescente em suas relações com outras nações, onde os Estados Unidos buscam, na medida do possível, influenciar os valores de outras nações, na chamada cultura ocidentalizada.

Nesse sentido, pode-se definir hegemonia como, nas palavras de Mezzaroba, “a supremacia de um Estado sobre outros Estados numa estrutura global ou internacional de poder.”⁸²

A realidade norte-americana, política, cultural, econômica e social mudou de forma drástica depois dos atentados terroristas do dia 11 de setembro de 2001. As relações entre os Estados Unidos e outros países passaram a adotar procedimentos e mecanismos nunca antes vistos. No campo de estudos das Relações Internacionais tal fato é visto como um marco para a organização internacional. A indústria cultural também não ficaria de fora em meio a tantas mudanças e acontecimentos. A última perspectiva a ser analisada neste estudo trabalha com esse cenário, de forma a apresentar a análise fílmica do ponto de vista das Relações Internacionais.

3.5 Realidade norte-americana atual

Muito mudou na esfera das relações internacionais depois do atentado terrorista aos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001. O governo norte-americano passou a adotar políticas de segurança rígidas e declarou “Guerra ao Terror” numa atitude de mostrar consolidação de sua hegemonia, além do fato de buscar se restabelecer como principal potência do século XXI, o que tinha sido abalado pelos acontecimentos da data.

Para isso os Estados Unidos, numa atitude que até hoje não é plenamente aceita pela comunidade internacional, bombardearam o Afeganistão e mais tarde o Iraque. Dado

⁸¹ MEZZAROBA, Orides. *Op. Cit.* p. 9.

⁸² MEZZAROBA, Orides (Org). **Gramsci. Estado e Relações Internacionais**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005. P. 18.

o cenário em questão, resolveu-se apresentar uma perspectiva de análise dos filmes dentro desse contexto.

Nesse sentido, Cynthia Weber apresenta interessantes idéias para a análise fílmica no livro *“Imagining América at War: Morality, politics and film”*. Na obra, a autora demonstra especial interesse nos filmes que estavam sendo exibidos nos cinemas dos Estados Unidos entre o dia 11 de setembro até durante o verão norte-americano do mesmo ano, num período que muito contribuiu para a reorganização da política externa norte-americana. Em seu trabalho, Weber mostra que um número significativo de filmes foram relançados ou tiveram seu lançamento adiado por causa dos atentados terroristas.

A indústria cultural norte-americana tem tanta influência nas questões em que seus valores são afetados e conseqüentemente disseminados, que alguns filmes tiveram que ser repensados em sua abordagem ou análise para serem tidos como símbolos norte-americanos num período de extrema fragilidade.

Do mesmo modo que se imagina que grande parte das pessoas conheça a história mundial – no caso específico da II Guerra Mundial – através de filmes, pode-se considerar que hoje a chamada ‘guerra contra o terrorismo’ seja compreendida por meio das fichas simbólicas produzidas pela indústria cinematográfica. Alguns dos elementos como o herói, o regime político da liberdade, da democracia, a identificação do inimigo que aparecem nos filmes trabalhados ao longo do capítulo podem encontrar paralelos nos exemplos discutidos por Weber.

A autora configura sua análise baseando-se em estruturas narrativas que têm como foco principal a interpretação da guerra. O mesmo é observado nos filmes aqui analisados, que podem ser discutidos a partir da simbologia apresentada ou servem de paralelo para uma análise crítica do comportamento do governo americano quanto à política repressora utilizada pelos EUA na invasão do Afeganistão e, principalmente do Iraque no período que se sucedeu aos atentados terroristas.

Weber parte de importantes questionamentos que surgiram perante a sociedade norte-americana para tentar compreender o debate moral que o atentado provocou, com perguntas como: Quem são os americanos? O que a América representa para o resto do mundo? Por que eles nos odeiam?⁸³

⁸³ WEBER, Cynthia. *Imagining América at War. Morality, politics and Film*. Routledge, New York,

Dessa forma, a autora trabalha com os filmes *Pearl Harbor*, *We Were Soldiers*, *Behind Enemy Lines*, *Black Hawk Down*, *Kandahar*, *Collateral Damage* e *Minority Report*, todos produzidos após o atentado terrorista nos Estados Unidos, e que são analisados com o intuito de que os questionamentos apresentados sejam respondidos de forma a entender as relações internacionais entre a sociedade americana e o resto do mundo, mostrando as simbologias desenvolvidas nos filmes de acordo com a mensagem a ser transmitida. Assim, o cinema serve de metanarrativa para a compreensão de acontecimentos que se tornam parte da história.

Fazendo-se um paralelo entre o trabalhado por Weber e a análise apresentada nesse estudo, os filmes “A Conquista da Honra” e “Cartas de Iwo Jima” seguem o tipo de análise proposto pela autora, pois são dois filmes que tratam de um fato que foi parte da história mundial e se focam suas narrativas na batalha. Na verdade, as perguntas acima elencados podem ser vistas de modo bastante evidente em *A Conquista da Honra*. Os Estados Unidos podem então ser analisados como o sempre repressor na busca do poder e influência, mais uma vez consolidando seu papel hegemônico, independente do que tiver que ser feito (remete-se ao papel que a mídia tem no filme) para atingir esse objetivo, e os outros países (remete-se ao Japão, como exemplo do filme), apesar de buscarem espaço no cenário internacional para também consolidarem sua hegemonia, continuam a ser submetidos frente à nação norte-americana.

Com isso, continua-se numa constante disputa pela hegemonia no sentido gramsciano: quando as armas militares se fragilizam, mais do que nunca, é necessário conceber o Estado no seu sentido amplo. Desse modo, o cinema continua sendo uma importante arena de disputa na construção do sentido e da representação da realidade, interna e internacional. Os EUA, através do cinema, reforçam sua língua, seus costumes, suas leituras de acontecimentos históricos, sustentando o caráter dirigente nas relações internacionais contemporâneas.

CONCLUSÃO

O campo de Estudo das Relações Internacionais é concebido a partir de sua grande complexidade e de seu constante desenvolvimento. Para sua melhor compreensão frente às diversas discussões teóricas da área se faz fundamental que o cenário internacional seja analisado a partir do reconhecimento da importância dos fatores apresentados e discutidos neste trabalho.

As Relações Internacionais tratam de questões pertinentes a distintas áreas das Ciências Sociais. Desde as diferentes concepções de força e poder até as relações históricas, culturais, econômicas, tecnológicas até os comportamentos sociológicos, jurídicos, ambientais e humanitários, elas buscam explicações para os fenômenos e desenvolvimento das sociedades, para explicar as relações entre elas e manter um equilíbrio mundial.

É de importância que outros debates teóricos sejam considerados na busca por um entendimento e análise do cenário internacional que leve em consideração a preocupação com a dimensão simbólica das disputas internacionais. Assim a idéia gramsciana de hegemonia buscada no âmbito da sociedade civil tem aplicabilidade na esfera das relações internacionais e aponta para uma alternativa na busca constante de preservação do poder por parte das potências que esperam preservar, garantir e manter sua hegemonia. No trabalho, dado o contexto atual, os Estados Unidos foram exemplo estudado para se explicar as relações entre o pensamento gramsciano, o pensamento neo-gramsciano, a cultura e a organização internacional.

A análise dos filmes pretendeu-se suficiente no desenvolvimento do trabalho, porque apresenta os conceitos debatidos e traz exemplos de como estes se refletem nas sociedades ocidentais e sua organização. O cinema, apesar de ter pouco espaço frente aos estudos das relações internacionais se mostra como elemento e instrumento que oferece ao Estado legitimidade para a busca de influência na disseminação de crenças e valores, numa disputa de convencimento que vai além dos preceitos básicos colocados em pauta por muitas análises.

A cultura, a mídia e os comportamentos das Nações se apresentam numa rede de símbolos complexa que tornam os estudos das Relações Internacionais atuais e dinâmicos.

A pluralidade internacional mostra que as relações entre os Estados são frágeis e dependem de aparelhos privados de hegemonia para que suas relações sejam entendidas de forma satisfatória. As sociedades contemporâneas só vão começar a entender que todas as relações possuem um equilíbrio quando aprenderem a conviver num mundo multicultural onde existem diferenças significantes, que estão pouco a pouco sendo entendidas e aceitas, numa mundialização da cultura da sociedade global atual.

Assim, este trabalho buscou apresentar uma análise voltada para fatores que discutem a organização da sociedade e a hegemonia das Nações, utilizando-se de outros instrumentos de poder para as discussões nas relações internacionais. No mundo as sociedades contemporâneas apresentam pontos semelhantes em sua forma de organização, seja essa cultural, social ou econômica. Todos estão conectados de uma maneira nunca antes vista, e o desenvolvimento de artifícios como o cinema que se faz presente na vida da sociedade civil, é visto como importante ponto de discussão e desenvolvimento para o tema proposto. É com o pensamento de que uma futura pesquisa que leve em consideração reflexões sobre o desenvolvimento desses fatores frente a sociedade global e sua organização seja realizada que se dá a conclusão desta monografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

COX, Robert W. *Rumo a uma conceituação pós-hegemônica da ordem mundial: reflexões sobre a relevância de Ibn kaldun*, in Rosenau, James N. & Czempiel, Ernst-Otto (Orgs). **Governança sem Governo: ordem e transformação na política mundial**. Brasília: Ed. Unb, 2000

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes Estrategistas das relações internacionais**. São Paulo: Contexto, 2005.

HELD, David & MCGREW, Anthony. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. **Relações Internacionais: Cultura e Poder**. Brasília: IBRI/Funag, 2002.

MEZZAROBA, Orides (Org). **Gramsci. Estado e Relações Internacionais**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005.

NYE, Joseph S. & KEOHANE, Robert O. **Power and Interdependence**. Third Edition. USA: Copyright, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

WEBER, Cynthia. **Imagining América at War : Morality, politics and film**. New York: Routledge, 2006.

Artigos:

SILVA, Marco Antônio de Meneses. **“Teoria Crítica em Relações Internacionais”**. Contexto Internacional, v. 27, p. 249-282, 2005.

ANEXO

Cartas de Iwo Jima - Letters From Iwo Jima

Diretor : Clint Eastwood

Sinopse: Do diretor Clint Eastwood (vencedor de Oscar) chega a nunca antes contada história dos soldados japoneses que defenderam seu país contra as forças invasoras americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Pouco municiado mas dono de uma vontade inabalável, capaz de suportar até mesmo a inóspita ilha vulcânica de Iwo Jima, as táticas sem precedentes adotadas pelo General Tadamichi Kuribayashi (Ken Watanabe, de O Último Samurai) e por seus homens, transformaram o que previa-se ser uma rápida derrota em uma encarniçada batalha de 40 dias de duração, marcados por combates heróicos. O sacrifício desses homens, seus conflitos, sua coragem e compaixão compõem esse tenso e cativante filme, que a revista Rolling Stone chama de “único e inesquecível.” Não é à toa, o filme recebeu quatro indicações ao Oscar (Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Edição de Som e Melhor Roteiro Original).

A Conquista da Honra - Flags of our Fathers

Diretor: Clint Eastwood

Sinopse: *Na linha da frente da Guerra, não há tempo para o medo.* Para 70.000 fuzileiros navais que lutaram em meio às explosões de bombas e aos tiros dos japoneses, a sangrenta batalha por Iwo Jima foi muito mais do que o ponto de virada para os aliados na segunda Guerra Mundial; foi também o momento que definiu suas vidas.

Neste épico, ao qual o *The New York Times* chama de “um espetáculo avassalador”, Clint Eastwood (ator e diretor vencedor de Oscar) vasculha a única e maior de todas as verdades emocionais da arte da guerra: soldados podem lutar por seus países, mas eles morrem por seus amigos. Agraciado por críticas como “um filme de incrível poder e provocativo, um fantástico feito” (Peter Travers, *Rolling Stone*), *A Conquista da Honra*

(indicação ao Oscar de Melhor Edição de Som e Melhor Mixagem de Som) é uma poderosa história de heroísmo e bravura que merece ser compartilhada e lembrada.